



VEREDAS URBANAS

SESC THERMAS
DE PRESIDENTE
PRUDENTE

sesc

PELAS VEREDAS URBANAS

Atualmente, a maior parte das populações humanas vive nas cidades. Garantir a coexistência de todas as formas de vida em um sistema tão diverso e artificialmente transformado representa um enorme desafio social e ambiental.

A presença de áreas verdes em ambientes urbanos corresponde, por sua vez, à possibilidade de integrar natureza e espaço construído, propiciando ambientes mais saudáveis e, ademais, o estímulo a uma relação qualificada com o meio ambiente, através do lazer, da experiência sensorial, da convivência e do intercâmbio de saberes.

Perceber a natureza em meio à cidade, com sua flora e fauna em constante movimento e adaptação, nos leva a sentir a urbe de maneira mais viva. Nossos trajetos rotineiros podem, nesse sentido, propiciar surpreendentes descobertas. Além disso, caminhar pela praça do bairro, zelar por uma árvore plantada na calçada, sentir o frescor da mata ou observar as plantas que crescem espontaneamente nas ruas religa-nos à natureza, tanto pelo encantamento como pelo conhecimento.

É com esse olhar que o Sesc reforça, no âmbito do projeto Florestar, o seu compromisso com a sustentabilidade, buscando efetivar o potencial educador das áreas verdes urbanas. Para isso, lança mão de ações e materiais voltados à sensibilização para esses aspectos, como é o caso deste guia, dedicado ao segmento de árvores presentes no Sesc Thermas de Presidente Prudente.

Nessa travessia, cada um é convidado a observar a natureza, as espécies de árvores e as demais vidas que com elas interagem. Esse exercício pode se beneficiar, ainda, do entendimento de que somos capazes de intervir na realidade e que, portanto, é possível viabilizarmos cidades mais verdes e saudáveis.

INTRODUÇÃO

Ao observarmos atentamente as áreas verdes que compõem hoje a região do oeste paulista e olharmos para os seus rios, árvores, arbustos e animais é possível imaginar como eram a fauna e flora em épocas passadas. Atividades agrícolas extensivas e formas adensadas de ocupação urbana nem sempre foram características originais deste território.

Por estar localizada entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado, esta região era composta por florestas exuberantes. As primeiras ocupações de grupos caçadores-coletores estão associadas às áreas de mata próximas a rios como o Paraná, Paranapanema e Tietê. Já no período da colonização, o território era habitado por populações de pelo menos três diferentes etnias: Xavante ou Otis, originários do Mato Grosso, Guarani nas vertentes do Rio Paranapanema e, principalmente, Kaingang nas vertentes do Rio do Peixe e do Rio Feio. Kaingang significa “povo da floresta”. Um exemplo dessa relação de pertença com a mata é que a madeira da macaúba (*Acromania aculeata*), palmeira nativa da região, era utilizada por este povo para obter fogo por fricção.

Até o final do século XIX, a região era pouco povoada. Foi com a chegada da ferrovia e das produções de café, algodão e gado entre as décadas de 1920 e 1940 e, posteriormente, o estabelecimento das indústrias de curtume e frigorífico que propiciaram o desenvolvimento econômico da região e o crescimento urbano. Estas dinâmicas trouxeram profundas transformações na paisagem natural da região do oeste paulista.

Essa forma de ocupação do território gerou a perda de vegetação e de áreas naturais, principalmente, nos topo de morro e fundos de vale, resultando em problemas socioambientais e a escassez de áreas verdes. Hoje estas áreas são reconhecidas mundialmente como indicadores de

ambientes saudáveis pela sua importância ecológica, social e estética. A presença de vegetação interfere positivamente nos espaços e na qualidade de vida das pessoas ao trazer conforto térmico, manter a permeabilidade do solo, garantir habitat para a fauna e flora, além de garantir belos espaços para a contemplação, lazer, recreação e atividades educativas.



Estevão Salomão

Na região, ainda temos a possibilidade de ter contato com áreas naturais conservadas ao visitarmos o Parque Estadual Morro do Diabo e em praças e parques urbanos, como o Parque do Povo e o bosque do Sesc Thermas, localizados na cidade de Presidente Prudente. Reconhecer, valorizar, ocupar e cuidar das áreas verdes são atitudes essenciais para garantirmos a sua presença para todas as populações, nos sentirmos parte da natureza e buscar formas de recuperar a importante floresta nativa da região, a Mata Atlântica.

GUIA DE ÁRVORES

Este guia está associado à informativos espalhados pelo bosque do Sesc Thermas.

A intenção é despertar o olhar das pessoas sobre a história e biodiversidade da cidade de Presidente Prudente por meio das árvores presentes no bosque, personagens tão importantes para a qualidade de vida urbana.

Amendoim-bravo	8
Amendoim-do-campo	9
Angico-vermelho	10
Aroeira-pimenteira	12
Cabreúva-parda	14
Canafistula	16
Canelinha	17
Farinha-seca	18
Faveiro	19
Figueira	20
Gameleira	22
Guajuvira	24
Ipê-Roxo	25
Jacarandá-bico-de-pato	26
Jatobá-do-cerrado	28
Jerivá	29
Jequitibá	30
Macaúba	31
Monguba	32
Mutambo	33
Paineira-rosa	34
Pau-brasil	36
Pau-cigarra	38
Pau-d'alho	40
Pau-ferro	41
Pau-jacaré	42
Peroba-poca	43
Pitanga	44
Sibipiruna	45
Taiuva	46

AMENDOIM-BRAVO

Quem vê as flores pequenas e delicadas, que exalam um perfume adocicado de dezembro a março, nem imagina que esta é uma árvore pioneira e que se desenvolve em locais inóspitos de terra nua.

Conhecida por vários nomes, de vassourinha e sucupira em Alagoas a pau-de-fava e carne-de-vaca no sul do país, é preciso cuidado para não confundir a Amendoim-bravo com outra espécie que leva o mesmo nome, mas cientificamente denominada *Euphorbia heterophylla*.

Ao contrário da 'xará', que é vista como invasora e daninha em plantações, esta espécie presente no bosque encontra-se sob risco de extinção após ter sua madeira aplicada na confecção de móveis finos e construção civil.



8 Amendoim-bravo

Pterogyne nitens

Família: Fabaceae

Altura média: 15 metros

Época de florada: dezembro a março

amendoim-do-campo

Com belas e vistosas flores amarelas que desabrocham em setembro, esta é uma espécie muito vista em nosso bosque. Seus frutos, amadurecem entre este mesmo mês e outubro, e podem ficar por muito tempo nas árvores.

Mais comum no Cerrado brasileiro, esta árvore pode ser encontrada do Piauí até São Paulo, passando por seu bioma natural nos estados de Mato Grosso do Sul e Goiás.

É comum na maioria das áreas verdes de Presidente Prudente, podendo ser identificada de longe por sua casca grossa e sulcada, que parece um tronco velho e morto. Suas interessantes folhas, entretanto, mostram o contrário.

Ela se renova o ano todo. A folhagem cai constantemente, mas nunca deixando a árvore totalmente nua. Ela precisa de muito sol para seu desenvolvimento (heliófita), encontrando assim uma condição climática favorável em nossa região.



Amendoim-do-campo

Platypodium elegans

Família: Fabaceae

Altura média: 12 metros

Época de florada: setembro

ANGICO-VERMELHO

Esta espécie possui ampla ocorrência no Brasil e na região de Presidente Prudente é muito encontrada nas matas, fazendas e sítios.

A madeira proveniente desta árvore é densa e pesada. Sua casca é rica em tanino, por isso, é tradicionalmente utilizada para curtir couro e para fins medicinais.

Os frutos amadurecem em julho e agosto. São do tipo legume (uma vagem), com comprimento entre 12 e 22 cm. Há relatos que, depois de processadas e transformadas em pó, as sementes eram utilizadas em rituais por povos indígenas e caçadores para “aguçar” a visão.

Suas flores brancas atraem abelhas entre setembro e outubro. Já na estação seca, perde toda a sua folhagem.



10 Angico-vermelho

Anadenanthera peregrina

Família: Fabaceae

Altura média: 22 metros

Época de florada: novembro



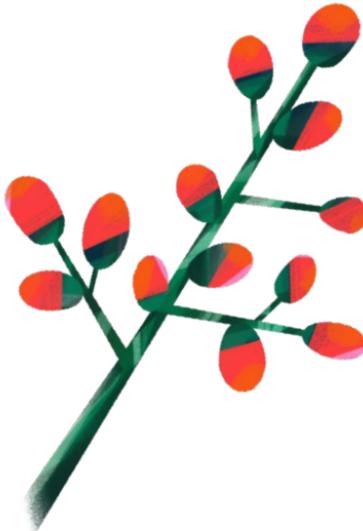
AROEIRA-PIMENTEIRA

A Aroeira-pimenteira é muito lembrada na gastronomia por produzir a tão desejada pimenta rosa de sabor levemente picante e adocicado. Seus frutos, que também são apreciados pelas aves, podem ser colhidos de janeiro a julho.

Dos nomes curiosos que recebeu, a espécie também é conhecida como fruto-de-raposa, coração-de-bugre, bálsamo, cambuí, aroeira-negra ou aroeira-branca. Com 5 a 10 metros de altura, esta árvore pode ser utilizada na arborização urbana.

Sua casca é empregada no curtimento de couro e fortalecimento de redes de pesca. Comum em beira de rios e córregos, não perde as folhas e tem crescimento rápido e a pleno sol.

Conhecida por suas muitas utilidades populares, esta árvore também possui diversas propriedades medicinais.



12 Aroeira-pimenteira

Schinus terebinthifolius

Família: Anacardiaceae

Altura média: 8 metros

Época de florada: setembro a janeiro



CABREÚVA-PARDA

Seu aroma é mais do que conhecido. Basta uma incisão em seu tronco para liberar o líquido aromático, o bálsamo, muito utilizado na medicina popular e na indústria de perfumes e cosméticos.

Esta árvore encontra-se na lista das espécies ameaçadas de extinção. Suas flores são de cores branco-creme e melíferas, que surgem entre os meses de setembro e outubro. Já os frutos, em novembro e dezembro.

O gênero *Myrocarpus* é exclusivamente sul-americano, encontrado no Paraguai, Venezuela, Bolívia e, em maior número de espécies, em território brasileiro.



14 Cabreúva-parda

Myrocarpus frondosus

Família: Fabaceae

Altura média: 25 metros

Época de florada: setembro a outubro



canafístula

Além da imponência e do plantio desta árvore para ornamentação, suas raízes, folhas, flores e frutos também contém propriedades medicinais. Assim, esta espécie é comumente utilizada na medicina popular.

Em tupi-guarani, esta árvore é conhecida como *ibira-puita-quassú*, que significa "madeira-vermelha-grande".

Durante o inverno, fica irreconhecível porque perde totalmente suas folhas (árvore caducifólia). Produz abundantes flores amarelas entre dezembro e fevereiro. Já os seus frutos vêm de março a abril.



16 Canafístula

Peltophorum dubium

Família: Fabaceae

Altura média: 25 metros

Época de florada: dezembro a fevereiro

CANELINHA

O cheiro pode não ser agradável, mas a madeira fornecida por esta espécie já foi muito apreciada pelos construtores e carpinteiros de décadas passadas.

No período colonial, ela foi muito usada para construção de casas devido à resistência e durabilidade da madeira. Representante do pouco que restou da Mata Atlântica na região, a Canelinha tem vida longa e pode ultrapassar os 100 anos.

Muito procurada por pássaros, principalmente os sabiás, a espécie apresenta altura de 15 a 35 metros e é indicada para arborização de cidades e reflorestamento.



Canelinha

Nectandra megapotamica

Família: Lauraceae

Altura média: 25 metros

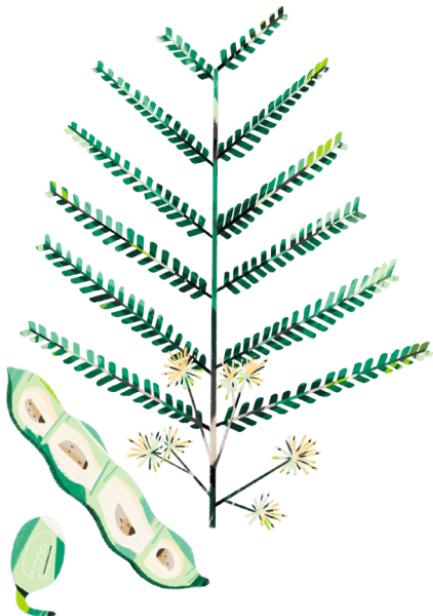
Época de florada: junho

FARINHA-SECA

Pé-de-frango? Talvez pelo desenho de sua copa, esta árvore também recebeu carinhosamente este apelido. Mas, ela é popularmente conhecida como Farinha-seca e até Angico-branco.

Presente na Mata Atlântica, a espécie tem as abelhas como as principais polinizadoras e as aves e os bons ventos como responsáveis por trazer sementes do Mato Grosso do Sul e norte do Paraná para a região do Oeste Paulista.

Em nosso bosque, você pode até não notar esta árvore apesar de seus quase 20 metros de altura. Mas, de outubro até janeiro, suas flores branco-amareladas, que formam pequenos cachos, chamam a atenção. Já seus frutos podem ser vistos maduros nos meses de setembro e outubro, época em que a árvore perde todas suas folhas. A responsável pelo seu principal nome, Farinha-seca, é sua casca externa amarelada, lisa e aparentando estar coberta de pó.



18 Farinha seca

Albizia niopoides

Família: Fabaceae

Altura média: 20 metros

Época de florada: outubro a janeiro

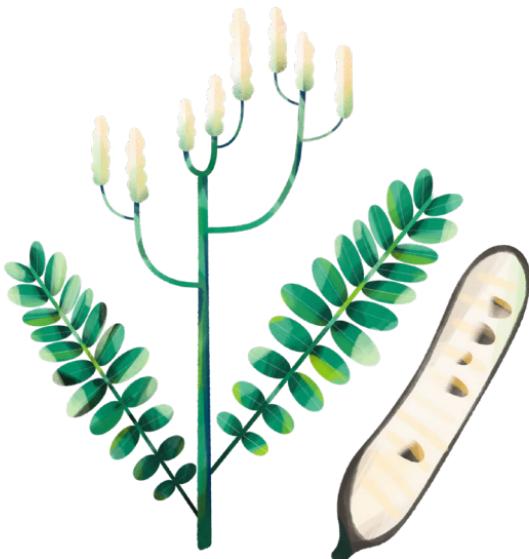
FAVEIRO

Com tronco liso e reto, o faveiro teve sua madeira muito utilizada na construção naval e civil. Tal procura colocou a espécie na lista de plantas ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo.

A espécie aromática apresenta flores esbranquiçadas ou róseas. A característica revelada na florada também marca outro nome popular para esta árvore: **sucupira-branca**.

Com copa alongada, o faveiro pode atingir até 16 metros de altura. Seus frutos são do tipo sâmara, cheio de um óleo amargo. Também é uma das dezenas de árvores que são empregadas na medicina popular.

Presente em maior número no cerrado brasileiro, o faveiro é indicado para paisagismo e regeneração de áreas degradadas por suas raízes apresentarem um engrossamento denominado “batata de sucupira”, no qual armazenam nutrientes e água para períodos de escassez.



Faveiro

Pterodon emarginatus

Família: Fabaceae

Altura média: 10 metros

Época de florada: setembro a outubro

FIGUEIRA

Frondosa, a Figueira presenteia o ser humano com a grande sombra que proporciona. E aos animais e aves, com o seu figo comestível. Já para outras espécies de árvores, oferece a morte - ela começa seu crescimento como uma trepadeira, se apoia na hospedeira e acaba por matar sua anfitriã.

As figueiras promovem uma interação ecológica bastante interessante. Florescem em diferentes épocas do ano e são polinizadas por vespas do figo, que colocam os ovos dentro do fruto. Já os morcegos são os principais dispersores das sementes. Os frutos são comestíveis, porém, como o próprio nome científico da espécie indica (*insipida*), sem gosto.

Presidente Prudente possui vários tipos de figueiras em suas terras, sendo algumas delas centenárias e protegidas por lei contra cortes, podas e remoções. Da mesma família da espécie presente no bosque do Sesc Thermas, as mais conhecidas podem ser vistas na Rua Bela, Parque do Povo e Rua Marechal Deodoro – na também centenária Vila Marcondes.



20 Figueira

Ficus insipida

Família: Moraceae

Altura média: 20 metros

Época de florada: Diferentes épocas do ano



GAMELEIRA

Dona de um porte que lembra cenários medievais e densas florestas, esta árvore imponente é uma das 755 espécies de figueira que existem pelo mundo.

O nome surge de sua própria estrutura. Na base, desenvolvem-se enormes raízes tabulares que auxiliam a fixação (sapopembas) e são delas que se extraí as gamelas – utensílios domésticos de madeira.

Ela floresce e frutifica o ano todo, desempenhando importante papel para a manutenção da diversidade biológica, tanto pelos frutos quanto por oferecer suporte para outras plantas. O ato é quase uma retribuição, já que no início de sua vida, a Gameleira também cresce sobre outra árvore e acaba por matá-la estrangulada.





Guajuvira

Como instrumento de caça, foi empregada pelos indígenas da etnia Kaingang na confecção de arcos devido ao cerne flexível. Utilizada na medicina popular, ela não é nenhuma plantinha milagrosa rasteira. A Guajuvira pode chegar a 25 metros de altura e seu tronco a 75 centímetros de diâmetro.

Suas flores são tubulares, brancas, muito perfumadas. A floração ocorre na primavera, de setembro a novembro, juntamente com o desenvolvimento de novas folhas – estas, em forma de cones, com texturas parecidas com couro. Em seguida, surgem os frutos que são naturalmente espalhados pelo vento.

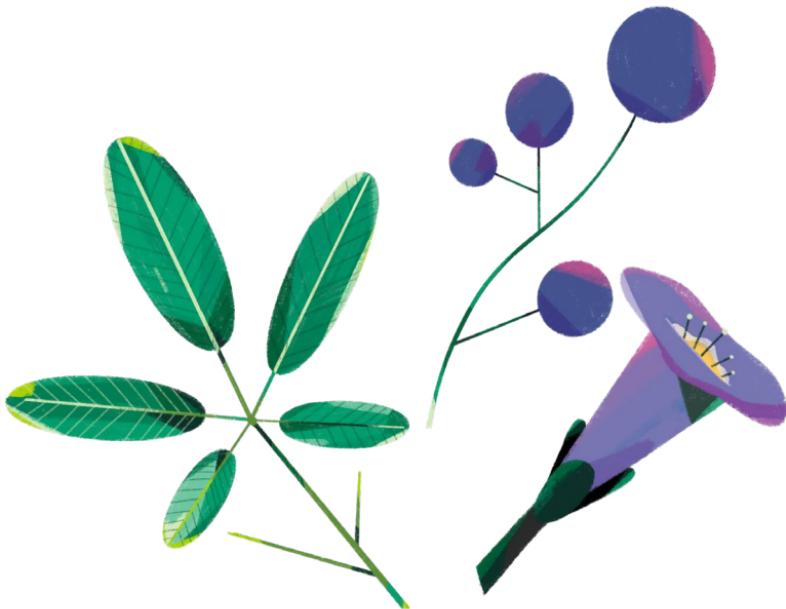


IPÊ-ROXO

Sua madeira já foi utilizada para a confecção de arco e flecha e também para fins medicinais. Atualmente, o Ipê Roxo enfeita parques e ruas da cidade, principalmente após o início da florada, entre agosto e setembro.

Uma das árvores mais conhecidas do Brasil, a espécie ganhou espaço nas últimas décadas, quando teve início o processo de substituição de árvores de grande porte em Presidente Prudente (SP), como a Sibipiruna e Chapéu-de-couro (Sete Copas).

Nativea da Mata Atlântica e do Cerrado, esta árvore encontrou em nosso município muita exposição solar, o que é ideal para atingir até 30 metros de altura e produzir belas flores roxas, que se apresentam com seus cachos característicos dos Ipês. Impossível não reconhecer!



Ipê-roxo

Handroanthus impetiginosus

Família: Bignoniaceae

Altura média: 30 metros

Época de florada: agosto e setembro

JACARANDÁ-BICO-DE-PATO

Seu apelido é curioso e foi dado pelo formato do fruto alado que lembra um bico de pato. Conhecida também como pau-de-angu e jacarandá-de-espinhos, esta árvore pode chegar a até 12 metros de altura.

De abril a julho é quando produz seu espetáculo por meio de belíssimas flores roxas polinizadas por abelhas. Além do perfume que exala quando floresce, esta espécie fornece ótima sombra e pode ser empregada na arborização urbana de praças e avenidas.

Pesquisas realizadas pela Unesp demonstraram que esta árvore tem propriedades medicinais como ação gastroprotetora, analgésica e anti-inflamatória.



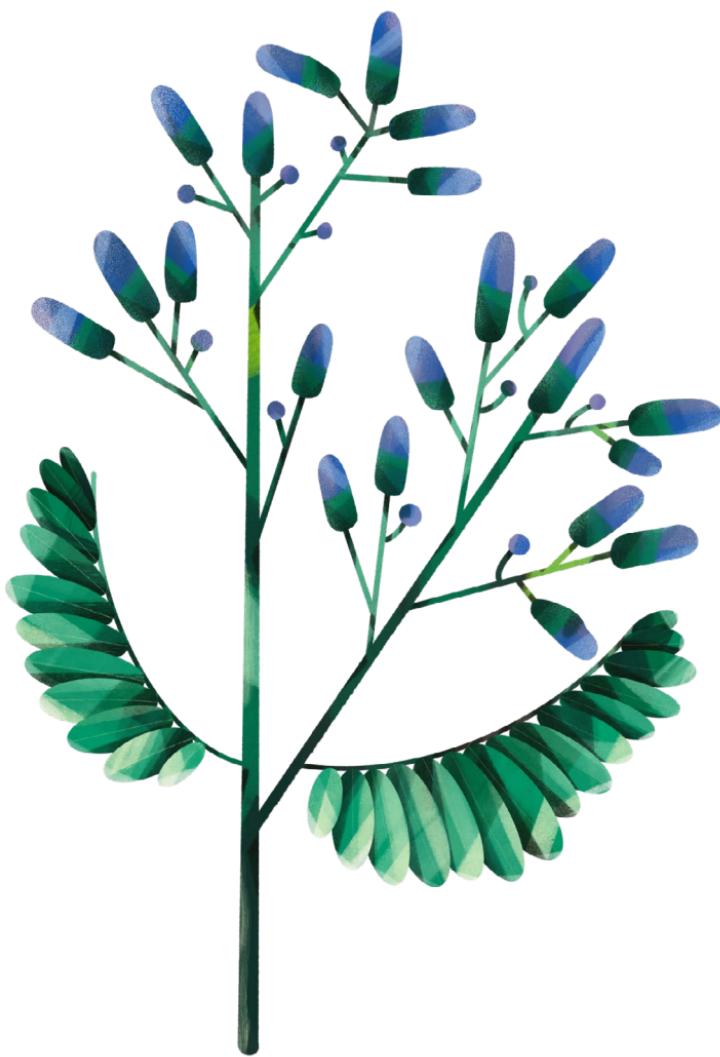
26 Jacarandá-bico-de-pato

Machaerium hirtum

Família: Fabaceae

Altura média: 18 metros

Época de florada: julho a agosto



JATOBÁ-DO-CERRADO

À noite, suas flores ricas em néctar se abrem e, assim, morcegos de várias espécies a polinizam. Com cerca de 20 metros de altura e tronco de um metro de diâmetro, esta árvore possui frutos que amadurecem a partir do mês de julho. Na forma de legumes, podem conter até quatro sementes duras, que são envoltas em uma polpa farinácea e amarelada com odor adocicado. Essa polpa é muito apreciada pelas populações rurais para o seu consumo na forma in natura ou como mingau.

Como sua produção de frutos é grande, alimenta, principalmente, a fauna terrestre. Aparentemente, cotias são as grandes responsáveis pela dispersão das sementes.

De outubro a janeiro, a Jatobá-do-cerrado se exibe para o público e produz belíssimas flores brancas.



28 Jatobá-do-cerrado

Hymenaea stigonocarpa

Família: Caesalpinoideae

Altura média: 20 metros

Época de florada: outubro a janeiro

Jerivá

Coco-catarro, Coqueiro, Coqueiro-jerivá, Coquinho-de-cachorro, Coquinho-meleca são alguns de seus apelidos quase grosseiros. Mas essa é apenas a constatação de sua principal característica, a produção de uma resina espessa, que lhe rende seu mais conhecido nome popular: baba-de-boi.

Natural da Mata Atlântica, a Jerivá é uma belíssima palmeira que pode ser encontrada em restingas, matas ciliares, matas paludosas e no cerrado. Muito usada em projetos de paisagismo, pode atingir até 30 metros de altura em área nativa e o tronco, chamado de estipe (cinzento e com manchas escuras), até 62 cm de diâmetro.

Seu fruto carnoso e amarelado é apreciado por adultos, crianças, papagaios, maritacas e esquilos-caxinguelê. Os animais, aliás, são os principais dispersores desta planta, já que consomem seu alimento e espalham suas sementes.



Jerivá

29

Syagrus romanzoffiana

Família: Arecaceae

Altura média: 30 metros

Época de florada: janeiro a janeiro

JEQUITIBÁ

Cuidado aí embaixo! Do alto da copa ao chão, seu fruto, que é utilizado inclusive na feitura de cachimbos artesanais, pode machucar. O Jequitibá chega a até 45 metros de altura e o tronco até 1,20 metro de diâmetro.

Ocorre principalmente em matas de galerias, que são florestas que formam corredores fechados sobre pequenos rios e córregos. Suas sementes são muito apreciadas por macacos, que auxiliam na dispersão destas e do fruto – este, diz a lenda, era utilizado como pito (cachimbo) pelo saci pererê, personagem do folclore brasileiro.

Em alguns lugares do país, Jequitibás milenares são preservados como patrimônios e acompanhados como objetos de estudo e curiosidade.

Em Presidente Prudente, um caso curioso é o do Jequitibá já centenário que está dentro do Prédio "Dr. Pedro Furquim", que atualmente abriga a Câmara Municipal, e pode ser visto por quem passa na calçada. Olhe pra cima!



30 Jequitibá

Cariniana estrellensis

Família: Lecythidaceae

Altura média: 30 a 40 metros

Época de florada: janeiro

Macaúba

Araras, papagaios, periquitos e tucanos têm nesta espécie uma importante fonte de alimentação, devido a seus frutos nutritivos.

Esta palmeira nativa também é conhecida por seu aproveitamento na produção de óleos para sabonete, margarina, cosmético e biodiesel, além de sucos, sorvetes, bolos e doces.

As folhas são empregadas na confecção de redes e linhas de pescaria. E, pode acreditar, os espinhos são ótimos substitutos para agulhas de costura.

O seu plantio não é dos mais fáceis, mas a Macaúba pode viver por bastante tempo e chegar aos 100 anos.

A Macaúba, por ser uma planta rústica, necessita de pouca água e pode atingir até 20 metros de altura. É encontrada com maior frequência em Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Tocantins, Piauí e Ceará.



Macaúba

Acronemia aculeata

Família: Arecaceae

Altura média: 20 metros

Época de florada: ao longo de todo o ano, com maior intensidade de outubro a janeiro

MONGUBA

Por ser da mesma família botânica, esta árvore lembra o Cacau, apesar de não ter a mesma fama. Seu fruto pode ser consumido cru, cozido, assado e triturado como farinha.

Tem uma copa arredondada, belas flores de pétalas brancas e longos estames com extremidade vermelha, que lembra um espanador colorido.

A árvore é típica da região inundável da Amazônia, mas se climatizou muito bem no Oeste Paulista. É muito comum na arborização urbana, presente em praças, calçadas e parques, tal qual no nosso bosque.

No país, a introdução da árvore no paisagismo urbano começou em São Paulo e Rio de Janeiro na década de 1960, graças ao trabalho de Burle Marx, renomado arquiteto paisagista e artista plástico brasileiro.



MUTAMBO

Espécie de árvore com grande incidência do México ao Brasil, possui um fruto bem característico, muito apreciado na gastronomia e considerado uma PANC (Planta Alimentícia Não Convencional).

Suas folhas são simples e ovaladas, enquanto os frutos, que sempre permanecem na árvore, são em forma de cápsulas negras, com maturação nos meses de agosto e setembro.

Empregada na medicina popular, esta espécie ainda teve sua casca utilizada como matéria-prima para a produção de cordas e sua madeira empregada na confecção de tonéis, construções internas, caixotaria e pasta celulósica por ser leve, mole e de boa durabilidade quando protegida da chuva e umidade.



Mutambo

Guazuma ulmifolia

Família: Malvaceae

Altura média: 5 a 10 metros

Época de florada: setembro a novembro

Paineira-rosa

Quando florida, é dona de uma beleza que chama a atenção de longe. A Paineira-rosa pode até parecer frágil devido à sua madeira leve, mole e pouco resistente, mas essa espécie sabe muito bem como se defender de quem procura por suas folhas e frutos. Falsos espinhos presentes no tronco protegem-na de investidas de mamíferos e répteis, deixando-a mais propícia aos pássaros, que se alimentam de suas sementes.

As flores grandes e vistosas com pintas vermelhas, às vezes misturadas com tonalidades de rosa e branco, embelezam a paisagem de dezembro até o final de abril. Já de agosto a setembro, seus grandes frutos ficam maduros e liberam sementes que ficam envoltas por uma fibra branca e leve chamada paina, parecida com o algodão. As sementes e a paina são levadas pelo vento, deixando o chão em volta da paineira todo branco. Algumas aves utilizam a paina para a construção de seus ninhos.

Além da resina e casca desta árvore serem usadas para fins medicinais, a fibra da paina também é de grande proveito para o preenchimento de travesseiros e almofadas.





PAU-BRASIL

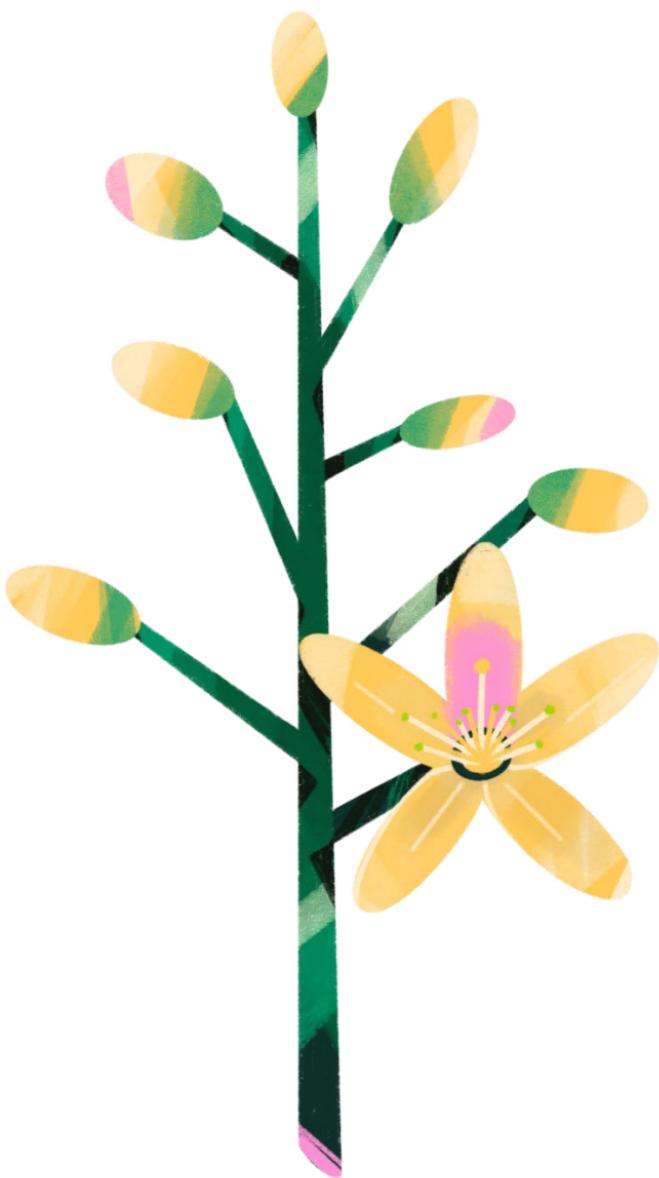
Certamente, esta é a mais famosa árvore do país, já que deu nome a ele e, por isso, está presente em todos os livros de história. Hoje, porém, encontra-se ameaçada de extinção. Típica de Mata Atlântica, a Pau-brasil foi a primeira árvore a ser cortada pelos colonizadores portugueses na exploração de matéria-prima para tingimento de tecidos e confecção de móveis.

Inicialmente, foi chamada de "bersil", que significava brasa, devido à coloração avermelhada da madeira. No tupi guarani, é conhecida como ibirapitanga (árvore vermelha).

Devido à sua raridade, risco de extinção e grau de exigência para se desenvolver, existem poucos exemplares desta árvore em Presidente Prudente, sendo esta a oportunidade de vê-la de perto no nosso bosque.

Considerada patrimônio nacional, a espécie é a única que tem uma lei específica de proteção no país.





Pau-cigarra

As flores de cor amarelo vivo promovem uma "chuva-de-ouro". Esta espécie recebeu o nome de Pau-cigarra devido ao tronco da árvore ficar cheio de cigarras que se alimentam de sua seiva ao final do verão, mas também é popularmente conhecida como "aleluia".

A espécie atinge entre 6 e 10 metros de altura e é comumente vista na arborização urbana, em praças, jardins e ruas em função de seu pequeno porte.

Presente em quase todo o Brasil, esta árvore carrega um segredo para manter-se competitiva e dominar locais de vegetação secundária: suas sementes podem germinar até 158 anos depois de caírem no solo, dependendo das condições encontradas.

A Pau-cigarra é muito utilizada em reflorestamentos mistos de áreas degradadas e de preservação permanente.



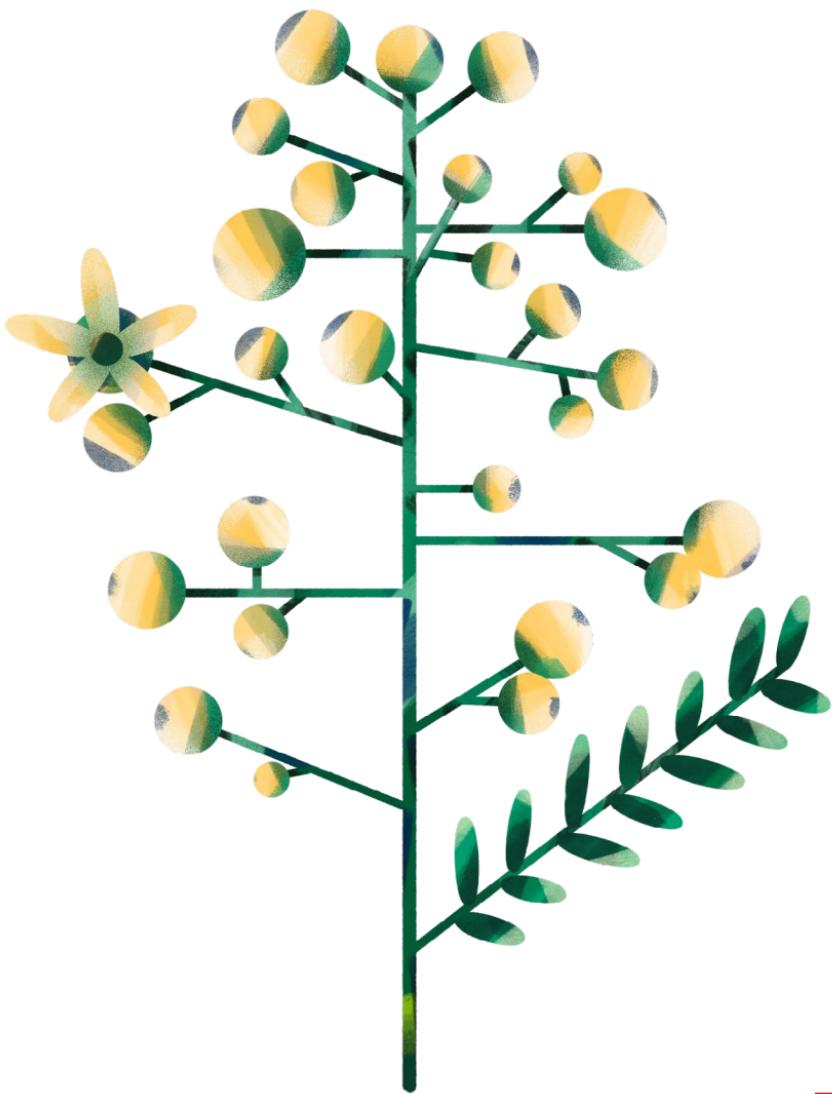
38 Pau-cigarra

Senna multijuga

Família: Fabaceae

Altura média: 6 a 10 metros

Época de florada: dezembro a maio



pau-d'alho

Espécie que ocorre em solos férteis, a Pau-D'alho tem presença garantida em nosso bosque. Fazendo jus ao nome, tem como principal característica o forte cheiro de alho que exala principalmente em dias nublados e chuvosos. Seu outro nome, Guararema, tem origem indígena e significa "madeira malcheirosa".

Sua madeira é usada para fabricação de sarrafos e na confecção de caixotes e embalagens leves, já suas raízes, cascas e folhas, na medicina popular.

No Oeste Paulista, a grande presença da espécie deu origem, na década de 1950, ao nome da cidade de São João do Pau D'Alho, distante 136 quilômetros de Presidente Prudente.



pau-FERRO

Da robustez nos canteiros de obras ao som delicado de um violino, a Pau-ferro tem sua madeira, uma das mais duras e pesadas das Américas, presente em muitos campos. Tal procura levou a espécie a ter sua conservação ameaçada.

Dificilmente você passaria pelo bosque sem notar esta árvore, que apresenta porte imponente, tronco liso e textura marmorizada. Nativa da Mata Atlântica, ela pode chegar a até 30 metros de altura, oferecendo sombra e refresco térmico.

Muito utilizada para arborização urbana em diversas cidades do país, ela é chamada de “ébano brasileiro”. Diz-se que seu nome advém das faíscas e do ruído metálico produzido pelos machados ao cortá-la.

Uma das artimanhas da espécie para assegurar sua sobrevivência ao longo dos anos é manter, ela mesma, um banco de sementes “aéreo”, soltando apenas parte de seus frutos.



Pau-ferro

Caesalpinia ferrea

Família: Fabaceae

Altura média: 20 a 30 metros

Época de florada: verão e outono

Pau-Jacaré

O nome popular desta árvore pode ter seu motivo facilmente identificado ao se reparar com cuidado em seu tronco: com a casca formada por arestas, ganhou a alcunha de pau-jacaré.

Podemos dizer que humildade e resistência são lemas desta espécie, que se desenvolve em solos pobres, de baixa fertilidade e endurecidos, devido às suas longas raízes.

Tem ainda a seu favor a grande quantidade de mudas produzidas no entorno da planta-mãe. Ou seja, para vingar, basta transplantá-la de raiz nua. De crescimento rápido, é muito usada para reflorestamento de áreas degradadas.

Atração favorita de insetos, a Pau-jacaré é polinizada principalmente por abelhas, motivo pelo qual suas flores são consideradas melíferas.

Contra a seca, ela possui um sistema inteligente de sobrevivência que dispensa as folhas para minimizar a perda de água.



PEROBA-POCA

A Peroba-poca é utilizada na construção civil e naval, obras de infraestrutura e vagões de trem. Por ser uma árvore de rápido crescimento e que tolera insolação direta, é útil nos reflorestamentos de áreas degradadas de preservação permanente.

Em Presidente Prudente, engenheiros a utilizaram na década de 1950 para a magnífica estrutura do Instituto Brasileiro do Café. As madeiras da popular Peroba-poca foram encaixadas com uma técnica cravilhada, que não utiliza pregos nem parafusos, em uma arquitetura predominantemente inglesa e que segue firme até os dias de hoje.

Famosa pela “madeira de lei” – árvores que no século XVIII, devido ao seu valor e qualidade, só poderiam ser derrubadas pelo governo –, esta espécie possui flores tubulares branco-amareladas a creme, muito numerosas, pequenas e de difícil visualização na floresta. Suas sementes são espalhadas pelo vento.



Peroba-poca

Aspidosperma cylindrocarpon

Família: Apocynaceae

Altura média: 16 metros

Época de florada: setembro a novembro

PITANGA

Você pode até não ter reparado nela em nosso bosque, mas esta árvore com certeza você conhece. Tem aroma, sabor e cor de infância e família. Pitanga vem do tupi antigo e significa "vermelho profundo". A pitangueira pode chegar a até 12 metros de altura e apresenta uma bela copa globosa, tronco sinuoso e liso.

Além de servir como alimento, a espécie ainda é utilizada na medicina popular com seu uso possivelmente iniciado pelos indígenas da etnia Guarani.

As folhas são aromáticas e servem como uma forma de identificar a Pitanga. Seus frutos adocicados parecem pequeninas abóboras e amadurecem de outubro a janeiro. Sua textura muito tenra não permite o transporte. Assim, você não os encontra em qualquer comércio. Tem que ser direto do pé!



SIBÍPIRUNA

A facilidade em plantar, o rápido crescimento e, principalmente, a capacidade de atenuar a radiação solar em até 90% fez com que a árvore caísse nas graças dos brasileiros já na década de 1950 para o paisagismo.

Do tupi guarani, Sibipiruna significa "de casca saliente e preta"; e se bem cuidada esta espécie pode chegar aos 100 anos.

A floração ocorre em agosto e pode se prolongar até novembro, promovendo um espetáculo à parte com suas flores amarelas radiantes, agrupadas em espigas e que aparecem apenas na copa, concorrendo com o verde intenso das folhas.

Uma das espécies mais presentes em Presidente Prudente, a Sibipiruna é encontrada em grande número na Mata Atlântica do Rio de Janeiro, sul da Bahia e Pantanal Mato-grossense.



Sibipiruna

Caesalpinia pluviosa

Família: Fabaceae

Altura média: 8 a 25 metros

Época de florada: setembro a novembro

Taiuva

“Você gosta de amora? Vou contar pro seu pai que você namora.”

Muitos já devem ter ouvido esse ditado popular na infância.

Pode não parecer, mas ele pode ser empregado para a Taiuva.

Apesar de apresentar frutos de cor amarelo-esverdeada, esta árvore também é conhecida como amora branca, amora de espinho, amora do mato, amora amarela e até amora brava.

Saborosas, as frutinhas podem ser encontradas entre dezembro e janeiro, e consumidas in natura ou na forma de sucos e doces. O nome principal foi dado pelos indígenas da etnia tupi-guarani e significa “fruta ou árvore do leite amarelo”, devido ao látex que solta.

Por seu fruto também ser fonte de alimento para aves e animais, esta árvore não pode faltar em plantios de reflorestamento.

De norte a sul do país, a espécie pode ser encontrada em quase todos os estados e, por ter madeira dura, é utilizada nos setores de moveleira e marcenaria.



FEVEREIRO DE 2019
TIRAGEM DE 5.000



**SESC THERMAS
DE PRESIDENTE PRUDENTE**
R. ALBERTO PETERS 111
PRES. PRUDENTE - SP
TEL. 18 3226-0400
SESCSP.ORG.BR/PRUDENTE